

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Denise Gonçalves Mendes

**A PERSPECTIVA DA APRENDIZAGEM DO IDOSO NA EJA:
conquistas e desafios**

Porto Alegre
2º semestre
2016

Denise Gonçalves Mendes

**A PERSPECTIVA DA APRENDIZAGEM DO IDOSO NA EJA:
conquistas e desafios**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll

Porto Alegre
2. Semestre
2016

Denise Gonçalves Mendes

**A PERSPECTIVA DA APRENDIZAGEM DO IDOSO NA EJA:
conquistas e desafios**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll

Aprovada em 5 dez. 2016.

Prof. Dr. Johannes Doll – Orientador

Profa. Dra. Denise Maria Comerlato

Prof. Dr. Luiz Carlos Bombassaro

*Dedico este trabalho a Deus, pois sua infinita
graça me acompanhou e me deu condições
para que eu pudesse chegar até aqui.*

AGRADECIMENTOS

... A minha mãe Eliza que dedicou sua vida trabalhando para que eu pudesse sempre estudar apesar das dificuldades que enfrentamos. Que acompanhou toda minha trajetória acadêmica e nos momentos mais difíceis me incentivou a não desistir.

... As minhas irmãs Lisiane e Lissandra que sempre estiveram ao meu lado acreditando em meu potencial e de que eu seria capaz de realizar o meu sonho de concluir uma graduação.

... A minha madrinha Eloí que também fez parte da realização deste sonho demonstrando seu carinho imenso quando eu mais precisei.

... Aos meus professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e em especial as professoras Gessilda Muller, Carmen Machado, Danise Vivian, Tânia Marques que foram para mim exemplos de humana docência, pois foram professores que deixaram suas marcas em minha vida pelas suas formas cativantes de ensinar, envolvendo-me nesta prática de forma autêntica e reflexiva.

... A minha orientadora de Estágio Curricular Denise Comerlato que nos incentivou a proporcionar aos nossos estudantes idosos o prazer pela Literatura.

... Ao meu orientador Johannes Doll que de imediato se dispôs, através do meu convite, a me acompanhar na realização deste trabalho de conclusão do curso. Ajudando-me na escrita de forma sensível e amorosa, fiquei muito feliz por tê-lo escolhido e por ter tido a oportunidade de conhecê-lo melhor.

... As minhas colegas e amigas Tássia Fagundes, Sara Almeida, Hayde Lorenzi, Isabel Machado e Lívia Griebler e Sara Saraiva que caminharam ao meu lado no decorrer do curso, sendo que foram pessoas que acrescentaram muito em minha vida ajudando-me a ser uma pessoa melhor. Amizades que levarei para vida toda.

... Enfim, a todos (as) aqueles que de certa forma fizeram parte, direta ou indiretamente, desta conquista, pois sei que sozinha não chegaria a lugar nenhum, a todos (as) meu imenso carinho.

RESUMO

Este trabalho tem como tema a perspectiva da aprendizagem do idoso, sendo um assunto que surgiu durante meu estágio curricular em uma Escola Municipal para Jovens e Adultos em que a turma era praticamente de idosos. Estes estudantes por mais que fossem esforçados e dedicados se viam como pessoas incapazes de aprender. Portanto, ao me deparar com esta realidade levantei alguns questionamentos sobre a aprendizagem na velhice que são as seguintes: É possível continuar aprendendo mesmo com a chegada da velhice? Como se dá o processo de aprendizagem na velhice? Quais são as conquistas e desafios que esses idosos enfrentam a partir desta busca pela aprendizagem? Então a partir destes questionamentos para a reflexão resolvi fazer deste trabalho um estudo de caso. Escolhi uma estudante idosa desta mesma turma para analisar suas experiências de aprendizagem dentro e fora da escola. Este estudo realizado a partir de suas vivências nos dará suporte para compreender alguns elementos ou fenômenos que também acontecem em um determinado grupo de idosos que passam por casos semelhantes, não iguais porque cada caso tem sua particularidade. O objetivo deste trabalho é refletir questões sobre aprendizagem e envelhecimento, sua relação bem como a inserção do idoso na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e os benefícios que isto acarreta. Escolhi Paulo Freire como autor principal para fundamentação deste trabalho, sendo que o mesmo nos dá subsídios referentes a uma aprendizagem significativa de jovens e adultos.

Palavras – chaves: Aprendizagem, Envelhecimento, Educação de Jovens e Adultos (EJA).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos

PUC – Pontifícia Universidade Católica

T2 – Totalidade 2

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	REVISÃO TEÓRICA	10
2.1	O ASPECTO SOCIAL DO ENVELHECIMENTO.....	10
2.2	A RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E ENVELHECIMENTO	13
3	METODOLOGIA DE PESQUISA	20
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	23
4.1	A (RE) SIGNIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM DO IDOSO NA EJA	23
4.2	O IDOSO NA EJA E SUAS RESPECTIVAS APRENDIZAGENS: CONTRIBUIÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS.....	38
	APÊNDICE	41
	TERMO DE CONSENTIMENTO.....	41
	ROTEIRO DE PERGUNTAS	42

1 INTRODUÇÃO

Durante a etapa do sétimo semestre da faculdade no qual realizei o Estágio Curricular¹ em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Totalidade 2 (T2) de uma escola Municipal, vivenciei experiências que levarei para o resto da vida. Na turma havia quinze alunos matriculados, mas apenas oito estudantes compareciam em aula diariamente. Estes estudantes tinham idades entre 50 a 77 anos. Na turma havia apenas uma pessoa com necessidades especiais, mas todos recebiam atendimento psicopedagógico. Eram indivíduos extremamente esforçados apesar das limitações tanto físicas quanto cognitivas. Havia neles uma alegria contagiante que me deixava atônita e me fazia parar para pensar “de onde vem tanta disposição?” E ficava maravilhada com as boas vibrações que eles emanavam durante as aulas, sendo que isso tudo ajudava em seus aprendizados, uns dos pontos significativos deste trabalho.

Contudo, antes de iniciar o estágio em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) sabia que seria um grande desafio, estava muito ansiosa e de certa forma com um pouco de medo, mas tinha a certeza de que seria uma válida experiência e realmente foi. Quando entrei pela primeira vez na sala me senti muito acolhida e encantada com tamanha receptividade dos estudantes idosos, pois não havia nenhum jovem na turma, porém, a meu ver havia pessoas, independente da idade, lutando pelos seus sonhos e se esforçando para aprenderem cada qual a sua maneira, com suas potencialidades e limitações. Pessoas bem dispostas, animadas, acolhedoras, mas que infelizmente sentiam-se incapazes em aprender devido à idade avançada, sentimento revelado em suas falas e atitudes, mas isso não acontecia com a turma em geral e sim somente com alguns estudantes. Essa incapacidade originava-se pelo fato de os mesmos carregarem crenças como: de se ver como sujeito que não tem capacidade em aprender e reaprender devido a traumas na infância, de terem enfrentado alguma dificuldade no início do processo escolar e por não ter um acompanhamento que os ajudassem abandonaram a escola com o pensamento de que são pessoas com problemas, de terem abandonado a escola cedo por falta de incentivo familiar ou por falta de condições em

¹ Denise Gonçalves Mendes estudante do Curso de Pedagogia da UFRGS realizou seu Estágio Curricular compartilhado com a colega Miriam Gonçalves tendo como Orientadora de estágio Dr^a Denise Comerlato professora do Curso de Pedagogia da UFRGS.

manter-se na escola acham-se pessoas fracassadas, entre outras situações, que influenciam na formação destas crenças e que precisam ser trabalhadas para que o estudante possa recuperar a confiança e respeito por si mesmo, e com isso para que seu aprendizado tenha bom resultado.

Desta forma, a turma em si, no início do estágio, era muito retraída em relação as atividades que envolviam a oralidade e escrita, pois na nossa prática fizemos muito o uso da leitura oral através de textos escritos por eles bem como de textos literários. Um dos motivos deste retraimento seria a questão do erro, pois muitos tinham medo de errar tanto na escrita quanto nas questões de oralidade, o medo afetava muito seus aprendizados significativos, pois o não “querer” errar os impedia de se exporem nas discussões em sala e também afetava suas escritas espontâneas, já que os estudantes não conseguiam escrever por si só devido a esta questão do medo, sentiam-se inseguros. No decorrer do estágio foi preciso todo um trabalhar com os estudantes para que pudessem recuperar a confiança em seus estudos e que pudessem compreender que o erro faz parte do processo em aprender, sendo que se aprende muito com ele.

Para poder ampliar o saber do educando bem como estimular o seu aprendizado em lugares diferenciados proporcionamos a eles uma visita ao Museu de Ciências e Tecnologia da PUC. Antes desta visita fizemos um levantamento de questões com a turma sobre quais curiosidades teriam e que gostariam de ver no Museu. Uma das questões levantadas por eles que me chamou a atenção foi: “Como funciona o cérebro?”. Quando realizamos a visita percebemos que a resposta para suas curiosidades não haviam sido completamente contempladas, então durante as discussões em sala surgiram novas questões, ou seja, novas curiosidades, como: “O tamanho do cérebro é o mesmo para todos?”, “O cérebro com a idade fica mais lento? Envelhece”? , mas a pergunta que muito me instigou nestas posteriores discussões foi de uma estudante de 60 anos, muito esforçada e dedicada no qual ela questionou sobre a questão do aprender, sua fala foi a seguinte: “Por que nós demoramos para aprender?”. Então a partir desta pergunta passei a refletir sobre este assunto: aprendizagem e envelhecimento no qual surgiu também para que eu pudesse pensar como idéia para o tema do meu trabalho de conclusão de curso. Através deste assunto surgiram outras perguntas para a reflexão, que são as seguintes? É possível continuar aprendendo mesmo com a chegada da velhice? Como se dá o processo de aprendizagem na velhice? Quais são as conquistas e desafios que esses idosos enfrentam a partir desta busca pela aprendizagem? No entanto, estas são as perguntas norteadoras que darão origem à pesquisa e ao Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 O ASPECTO SOCIAL DO ENVELHECIMENTO

Muitas pessoas têm medo de envelhecer, outras encaram a chegada da etapa da velhice com alegria, entusiasmo, aproveitando as oportunidades que a vida oferece. As que têm medo de envelhecer pensam que a “vida acaba” ali, nesta fase, que não podem mais exercer tais atividades que praticavam antes. Muitos se acomodam ou ficam passivos diante da vida. Tenho exemplos em minha família em relação ao que estou descrevendo, tive avós que não viviam, na fase da velhice, com qualidade de vida. Não praticavam exercícios físicos, não se alimentavam saudavelmente e algo pertinente que destaco diante desta situação é o fato que os mesmos não deram continuidade aos estudos, pois abandonaram a escola muito cedo. Sendo que não tiveram interesse, por algum motivo, em retornar.

Mas há aqueles que pensam e agem diferentemente. Como já havia citado anteriormente existem pessoas que têm a idade mais avançada, e que sabem encarar isto de outra forma, com mais entusiasmo e força de vontade. Sou categórica em afirmar isto, pois tive a oportunidade durante o estágio na EJA, de conviver com pessoas mais velhas que venciam seus limites para aprender, sendo que faziam de seus aprendizados algo prazeroso. Quando realizei também uma prática em uma turma da EJA, um semestre anterior ao Estágio Curricular, tive o prazer de conhecer sujeitos idosos que além de irem estudar faziam atividades físicas, pois dentro do estabelecimento onde as aulas ocorriam havia uma academia. Visto que isso era um incentivo para que os mesmos comparecessem as aulas.

As pessoas na qual eu me referi anteriormente têm idades que variam de sessenta a oitenta anos, contudo, podemos considerá-las idosas? De acordo com o Estatuto do idoso (2003) pessoas consideradas idosas são aquelas que a têm a idade igual ou superior a sessenta anos. No entanto, ao serem consideradas idosas devido a idade cronológica não quer dizer que as mesmas precisam ser vistas como velhas, pois o processo de envelhecimento depende de vários aspectos envolvidos que estão relacionados entre si, e a idade da velhice está ligada com a questão do contexto social (SCHNEIDER; IRIGARY, 2006). Ainda de consonância com estes autores, eles afirmam que:

A pessoa mais velha, na maioria das vezes, é definida como idosa quando chega aos 60 anos, independente de seu estado biológico, psicológico e social. Entretanto, o conceito de idade é multidimensional e não é uma boa medida do desenvolvimento

humano. A idade e o processo de envelhecimento possuem outras dimensões e significados que extrapolam as dimensões da idade cronológica. (2006, p.2).

Partindo de todas estas questões, é importante destacar que todos irão envelhecer, exceto aqueles que por algum motivo poderão não chegar a velhice devido ao falecimento. No entanto, uns saberão ver-se como um sujeito ainda ativo nesta fase, outros não, como já relatei com os exemplos anteriormente. Mas independente do que aconteça com cada um ao chegar a longevidade, é importante ressaltar que chegar a velhice é uma conquista. Como nos afirmam Dool; Ramos e Buaes (2015) que “[...] o aumento da longevidade é uma conquista do campo social e da saúde.” (p.10).

Em tempos atrás as pessoas não alcançavam a longevidade devido ao fator doença. Os idosos não tinham um tratamento adequado que os auxiliassem na luta contra a mesma e acabavam falecendo antes de alcançar a etapa que os constituíam como idosos. Com isso, a população neste tempo era praticamente de jovens, como nos afirmam Costa, Porto e Soares:

Na metade do século vinte, este era um país de jovens, com elevadas taxas de natalidade e de mortalidade, em especial a infantil. A grande maioria das pessoas não chegava à velhice, pois morria antes dos 50 anos em decorrência principalmente de doenças infecciosas e parasitárias. (2003, p.1).

Desta forma, para quem viveu nesses tempos era um privilegio alcançar a longevidade, pois em tempos em que não havia uma estrutura de qualidade que atendesse e amparasse os idosos para que um maior número destes indivíduos pudesse sobreviver. No entanto, atualmente vivemos em um contexto diferente. Vivemos em um país em que há um grande número de idosos na população, a população que antes era predominantemente de jovens agora passa a ser, nos dias de hoje, uma nação com uma quantidade significativa de idosos. De acordo com Doll, Ramos e Buaes:

[...] a população brasileira envelheceu rapidamente nos últimos 50 anos, e o grupo das pessoas idosas aumentou de 4,7% (1960) para 12,6% (2012). Este processo está levando a uma profunda reestruturação da população do País: o cenário em que as crianças e jovens constituem o maior grupo populacional da pirâmide etária brasileira se reverterá em bem pouco tempo. Após 2030, o grupo dos idosos será maior que o grupo de crianças até 14 anos e, em 2055, haverá mais idosos do que crianças e jovens até 29 anos de idade. (2015, p. 9).

Podemos ressaltar então que envelhecer é algo que as pessoas irão vivenciar graças as conquistas alcançadas, sendo que isto é um privilégio nos tempos em que vivemos, pois muitos não conseguiram chegar a esta fase devido a falta de recursos em tempos anteriores.

No entanto, o envelhecimento que hoje faz parte da vida humana e que é inerente ao ser humano, é sinônimo de inutilidade? Será que temos que ver o sujeito idoso como alguém que não é capaz diante da sociedade? Por que temos que pensar que envelhecer invalida o indivíduo como não pudesse apropriar-se dos bens socioculturais e fazer-se participante na sociedade em que vive? Muitas vezes o idoso é representado como um indivíduo incapaz. Contudo, se conseguimos atualmente alcançar a longevidade depois de tantos progressos científicos, sociais e culturais, por que não mudar nossa concepção sobre estes sujeitos? A partir desta questão, penso que precisamos desconstruir estes estereótipos de incapacidade, declínio e doença que retratam o idoso e repensar nossas posturas diante destas situações, sendo que este faz parte da sociedade. De acordo os autores Troquato; Massi e Santana:

É preciso que a sociedade, de forma geral, repense com urgência as atitudes em relação ao idoso a fim de evitar que a velhice passe a constituir mais um problema social, uma vez que está comumente caracterizada como um dos momentos de improdutividade humana, dependência, incapacidade, isolamento e doença. (2009, p. 90).

De acordo com Scortegagna e Oliveira (2012) “A sociedade impõe imperativos de produção, agilidade e modernidade.” (p.2). Partindo deste pressuposto, ser idoso em uma sociedade que valoriza o jovem por ser ágil é um desafio. A sociedade está, de certa forma, preparada para acolher estes jovens, fornecer-lhes meios que os façam participantes ativos do meio em que vivem e os caracterizam como seres produtivos. Schneider e Irigary (2006) afirmam que “vive-se em uma sociedade de consumo na qual apenas o novo pode ser valorizado, caso contrário, não existe produção e acumulação de capital.” (p.3). No entanto, podemos dizer que os idosos estão ainda na luta por melhor reconhecimento e por melhores oportunidades. Estes, infelizmente, ao chegarem a velhice por muitas vezes são considerados inativos, gerando de certa forma preconceito contra esta tão valiosa fase da vida.

Não podemos deixar de considerar que a velhice tem suas implicações. Ao chegar nesta etapa da vida o indivíduo irá enfrentar naturalmente dificuldades ou limitações devido as questões físicas e cognitiva. Entretanto, o ser humano ao chegar a esta etapa não precisa necessariamente deixar de realizar suas ocupações, ou abandonar alguma prática que gosta. O idoso precisa ter consciência de que é necessário manter-se ativo na sociedade, reconhecer-se como sujeito autônomo e esforçar-se para se apropriar dos bens socioculturais e fazer uso deles, sendo que estão disponíveis a todos e não somente para os mais jovens. Para Scortegagna e Oliveira (2012) “O idoso, por questões biológicas pode apresentar algumas limitações ou pequenas dificuldades, mas isso não significa a incapacidade de realizar

tarefas.” (p.2). Infelizmente, as pessoas têm uma visão distorcida ao que diz respeito a esta etapa, devido a todo um processo de construção da velhice que a própria sociedade constituiu. Desta forma, esta construção social da velhice é marcada por aspectos negativos, pois o ser idoso é visto como ser incapaz, frágil, inadequado, com dificuldades. Conforme Scortegagna e Oliveira

As limitações, incapacidades e dificuldades não são problemas apenas dos idosos. Há muitas crianças, adolescentes, jovens e adultos que possuem dificuldades, devido a diversas causas patológicas. Assim, torna-se ingênuo considerar a velhice como uma limitação ou deficiência. (2012, p. 3).

O indivíduo que consegue alcançar a longevidade precisa ser valorizado e lutar pelos seus direitos. Que não seja visto apenas como um ser humano frágil e inapto diante da sociedade, que é o que caracteriza a velhice. A sociedade precisa desconstruir esta imagem que retrata o ser idoso e avançar em melhorias para que o mesmo possa se sentir acolhido e participante no meio em que vive independente de suas limitações. Infelizmente o envelhecimento ainda é visto pelas pessoas como algo insignificante, como se não houvesse mais motivos para continuar ativo ao chegar nesta fase e acabam tendo uma imagem negativa do processo de envelhecimento. Conforme com Schneider e Irigary (2006) “Mesmo nos dias atuais, o envelhecimento aparece associado a doenças e perdas, e é na maioria das vezes entendido como apenas um problema médico.” (p.2).

Que nossas atitudes diante desta etapa do envelhecimento possam ser diferenciadas. Que venhamos ter uma nova concepção sobre o idoso, deixando para trás aquilo que o caracteriza de forma negativa e começar a ter uma visão sobre o mesmo sem estereotipá-lo. Por mais que a sociedade valorize a juventude dando-lhe mais oportunidades não podemos deixar de ter em mente que a velhice tem seus encantos e que precisamos vivenciá-la com prazer como qualquer fase da vida, não podemos nos rejeitar e permitir ser rejeitado. Precisamos lutar pelos nossos direitos e viver a vida de forma digna, pois todos nós merecemos.

2.2 A RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E ENVELHECIMENTO

Todos nós somos aprendizes na vida, sendo que cada um de nós tem sua bagagem de experiências vivenciadas decorrentes das aprendizagens. Aprender significa ampliar nossa

visão de mundo, tornando-nos seres capazes de criar e recriar sentidos existenciais. Tudo que há no mundo tem um sentido, um significado. Valho-me das palavras de Santos (2008) quando diz que “aprender é nosso principal instrumento de sobrevivência.” (p.11). Vivemos para aprender, portanto, a aprendizagem consiste em não pararmos e sim nos colocarmos diante da vida como seres que aprendem constantemente independente da idade.

Aprender é um processo contínuo que faz parte de toda etapa da vida, sem a aprendizagem seríamos pessoas sem rumo neste mundo e não daríamos sentido a nada. Estamos no mundo para aprender e reaprender, todo mundo tem algo para aprender independente de estar na escola ou não, portanto, não existe alguém que venha saber tudo. Desta forma, aprender é algo inerente ao ser humano, pois aprendemos mesmo antes de nascer. Sobre isto Jarvis afirma que:

[...] ela ocorre desde antes do nascimento– pois aprendemos pré-conscientemente, a partir das experiências que temos no útero, conforme indicam diversas disciplinas diferentes – e continua até o ponto que perdemos a consciência antes de morrer. (2013, p.36)

Para este autor o início do processo de aprendizagem acontece através de situações novas resultando em experiências iniciais nas quais as vivenciamos a partir do nosso encontro com o meio que nos cerca. Esse encontro dá-se por meio de nossas sensações corporais, pois as mesmas fazem-nos estar em contato com este mundo, o conhecendo. Estas sensações no início deste processo de aprendizagem não possuem significados, elas começam a ter significados quando surge o não saber do por que destas sensações. Porém estes significados surgem das relações sociais, porque precisamos do outro para nos fornecer explicações deste não saber. Através das respostas que obtemos estamos nos revestindo daquilo que nos é apresentado no mundo, que é a nossa cultura. Conforme Jarvis (2013) “é ao aprender o significado da sensação que incorporamos a cultura do nosso mundo-vida em nós mesmos, fazemos isso na maioria, senão todas, das nossas experiências de aprendizagem.” (p.37).

Estas experiências de aprendizagem iniciais são chamadas de “experiências primárias” (JARVIS, 2013). Porém, com o passar do tempo estas sensações que fazem parte do processo de aprendizagem perdem sua importância, pois o que passa a predominar nossas indagações pelo novo ou pelo não saber são as explicações (significados) ou respostas que recebemos, pois muitas vezes poderemos não entendê-las. Estas são as experiências secundárias, porém as sensações continuam naturalmente ocorrendo apesar de não estarmos mais tão conscientes sobre elas. Segundo Jarvis (2013).

De maneira significativa, esse é o tipo de aprendizagem que os educadores de adultos acreditam, mas não as crianças, têm: essas experiências são secundárias, que ocorrem como resultado da linguagem e de outras formas de mediação- as experiências secundárias são experiências mediadas do mundo. Elas sempre ocorrem em conjunto com experiências primárias, embora nem sempre estejamos cientes destas; por exemplo, quando estamos escutando alguém falar, nem sempre estamos cientes do quanto a cadeira é confortável, e assim por diante. (p.39).

Então esse processo de aprendizagem perdura para o resto da vida. Sendo que as sensações são de extrema importância para o início deste processo, pois ao nascermos estamos em contato com o mundo e interagindo com ele através do toque, sensações e estímulos. Nesta interação com o mundo e trocas entre pares acontecem muitos aprendizados que vão fazer parte do crescimento de todo ser humano. Santos diz que:

Após nascermos, começamos a grande aventura de captar, processar e interagir com o mundo. Nos primeiros meses de vida, essa captação, esse processamento e essa interação se dão pelas sensações que obtemos por meio do toque e da sensação ou não de segurança a que somos submetidos. (2008, p.42).

Porém, o indivíduo ao nascer não pode cuidar-se sozinho, ele precisa sempre de alguém para dar- lhe amparo, bem como ensiná-lo e conduzi-lo. Sozinho não irá sobreviver, pois o mesmo necessita sempre do outro para suprir suas necessidades sendo completamente dependente (BECKER & MARQUES, 2001). Através desta interação e relações a criança desde cedo já começa a vivenciar, da sua maneira, pequenas experiências de aprendizagem. No entanto, desde o nascimento a aprendizagem está relacionada ao desenvolvimento, sendo que o desenvolvimento é o resultado desta convivência social, ou seja, pelo processo de socialização na qual a aprendizagem está inserida.

Vygotsky enfatiza, em sua obra, a importância dos processos de aprendizado. Para ele, desde o nascimento da criança, o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento e é “um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas”. (OLIVEIRA, 1997, p. 56).

Ressalto então que a aprendizagem passa a ser algo essencial na vida de qualquer indivíduo, ou seja, ela é inerente ao ser humano, todos nós nascemos para esse contínuo processo de aprendizagem, é inevitável não passar por ela. Desta forma, a aprendizagem é válida para todos sem exceção e cada um tem sua capacidade para aprender, cada um no seu ritmo. Para Howe (1986) “Nada caracteriza a espécie humana mais completamente do que a sua dependência de aprendizagem, e não se imagina que uma pessoa possa viver sem ter

nenhuma aptidão para aprender.” (p. 26). Não podemos nos imaginar como seres incapazes de aprender, nossa trajetória de vida é marcada por essas aprendizagens que nos fazem evoluir, sendo que cada sujeito tem sua história de vida através daquilo que aprendeu ou não. Cada aprendizagem nova que é adquirida está relacionada ao que o sujeito já sabe, conhecimentos anteriores influenciam na aprendizagem de novos saberes, pois “o conhecimento prévio do aluno, adquirido através de experiências passadas, dá condições para que ele entenda novas informações e novos conhecimentos.” (HOWE, 1986, p. 15). Por isso caracteriza-se a aprendizagem como um processo, pois nunca acaba, nada se perde e tudo é válido.

Não podemos deixar de aprender, quando deixamos de aprender a vida perde o sentido. Vivemos uma vida sem grandes desafios a serem enfrentados e superados. Entretanto, aprender nos traz mudanças de vida, temos a oportunidade de sermos pessoas com mais experiências de vida além desta gerar modificações em nossos comportamentos quando é autêntica por estar incorporada em nossas vidas (ROSSINI, 2003).

Por a aprendizagem ser algo essencial na vida de todos nós, pelo fato de ser um instrumento para nossa sobrevivência não podemos associá-la somente a infância, como se aprender fosse somente possível nesta fase. Ela pode ser a fase em que se tem mais disposição para a busca do conhecimento, mas isso não significa que em outras fases não há essa possibilidade. Em relação à etapa do envelhecimento também há oportunidade para o ato de aprender, quando há interesse e motivações para isso. Conforme Falcão:

A infância é, sem dúvida, a idade em que mais se aprende. Mas, aprendizagens podem dar-se em qualquer idade. Se é verdadeiro que em certo momento as funções vitais começam a decrescer, é verdadeiro também que tal fato dependerá muito das disposições da pessoa, de seus interesses. (1988, p. 21)

A partir de todas as vivências na prática do meu estágio obrigatório em uma turma na EJA, deparei-me com algo que me chamou muita atenção que foi sobre o processo de aprendizagem na fase do envelhecimento. Sendo que foi um desafio ensinar estudantes na terceira idade. No qual foi assunto norteador escolhido para este trabalho. Todos da turma eram idosos, e a maioria com uma imensa vontade de aprender, mas que tinham dúvidas em relação ao processo de aprendizagem. Para eles aprender era algo demorado, muitos se viam incapazes e desmotivados, sendo que isso refletia em seus estudos.

Valho-me das palavras de Scoralick- Lempke e Barbosa (2012) quando diz que “o desenvolvimento das capacidades cognitivas ocorre durante toda vida, inclusive na velhice, contrapondo-se à tradicional idéia de que somente as crianças e adolescentes poderiam se desenvolver cognitivamente.” (p.4). Partindo deste pressuposto, de que a aprendizagem está

presente em cada fase do ser humano, mesmo pessoas muito idosas, se estimuladas, tornam-se aptas a adquirir novos conhecimentos, sejam eles escolares, tecnológicos ou culturais. Desta forma, podemos repensar o sentimento de incapacidade e de inutilidade que retrata os idosos. Conforme Scoralick- Lempke e Barbosa (2012)

O envelhecimento saudável está associado à idade de que o indivíduo preserva seu potencial de desenvolvimento durante todo o curso da vida, havendo um equilíbrio entre suas limitações e potencialidades, as quais podem ser otimizadas por meio de intervenções. Uma delas se refere a aquisição de novas aprendizagens, o que tem sido destacada por diversos estudos como atividade que auxilia no bom funcionamento físico, psicológico e social na velhice. (p.2).

É muito importante que idosos apropriem-se de meios propícios e espaços, como a escola, para a promoção e construção do conhecimento. A escola é uma alternativa de inserção social, de atividade e de oportunidade de aprendizagens para estes idosos, deixando de lado os aspectos negativos do envelhecimento. Os mesmos estariam vencendo limites e percebendo-se como sujeitos capazes em aprender, independente da idade. Para Freitas (2011, p.68), justifica-se a reflexão sobre o processo educacional em face do envelhecimento e da velhice, uma que vez que educar compreende também emancipar, isto é, afastar os limites e inventar novas mediações para a manifestação do desenvolvimento.

Desta forma, a Educação de Jovens e Adultos proporciona a estes idosos, que por algum motivo não tiveram a chance de estudar na idade escolar, oportunidades de retornar a alfabetizar-se, bem como também desenvolverem suas habilidades com as artes e atividades que envolvam exercícios físicos. Na escola da EJA em que estagiei também proporcionava estes momentos aos estudantes, indo além da educação formal. Porém, o processo de aprendizagem para estes traz conquistas e desafios. Conquistas pelo fato de poderem aprender conforme seu ritmo, de se serem valorizados e respeitados pelo que sabem e são, de ampliarem suas experiências adquirindo maior autonomia. Muitos estudantes desta prática relataram que depois que retornaram a estudar conseguiram viajar sozinhos, fazer compras, ler um jornal ou revista. É importante ter em mente que é necessário sempre respeitar a realidade do aluno, pois o mesmo traz para a escola uma experiência de vida. Sobre o ato de ensinar Freire afirma

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a ele ensinar e não a de transferir conhecimento. (1996, p. 27).

E em relação aos desafios que enfrentam têm a ver também com a questão biológica, porque o envelhecimento acarreta um declínio natural na cognição. De acordo com Scoralick-Lempke e Barbosa (2012, p.3) no envelhecimento, há uma perda nas capacidades cognitivas decorrentes do baixo funcionamento neurológico, sensorial e psicomotor, o que reflete na capacidade de adaptação do indivíduo.

Sendo assim, há uma lentidão para aprender, mas isso não significa que não estão aprendendo. Deste modo, a educação pode estimular o crescimento e a aquisição de novas competências, fomentando possíveis ganhos durante a toda vida. (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012, p.5).

Outro aspecto sobre o processo de aprendizagem na velhice tem a ver com as questões socioculturais. Scoralick-Lempke e Barbosa (2012) destacam esta relação devido a disponibilidade de recursos, que são as oportunidades oferecidas pela cultura como: oportunidades de lazer, de socialização e educação e que são fundamentais na aquisição da aprendizagem para o sujeito que alcançou a longevidade. Entretanto, é importante ressaltar que sair da passividade requer esforço e dedicação, mas infelizmente muitos se sentem incapazes em aprender. Contudo, ao fazerem uso destas ofertas só acarreta benefícios em seu desenvolvimento. Scoralick-Lempke e Barbosa (2012) são categóricas em afirmar

Assim, para que o desenvolvimento se estenda até idades mais avançadas, é necessária a disponibilidade de recursos culturais. A oferta de programas que forneçam atividades e estímulos para os idosos parece ser, portanto, importante nessa fase da vida, a fim de que eles possam desfrutar de um envelhecimento equilibrado entre os declínios, decorrentes do próprio processo, e os benefícios, que podem ser proporcionados através dessas estratégias. (p.3).

Ressalto então que a educação é um meio que sempre trará benefícios aos idosos, pois auxilia na manutenção e prevenção da saúde, contribuindo para o envelhecimento saudável. Então é importante salientar que no âmbito da educação estes idosos irão apresentar interesses e motivações diferentes no que diz respeito a aprendizagem, sendo também que cada um tem sua história de vida. Portanto, nos processos educativos existem elementos em comum em relação a essa variabilidade que os idosos apresentam, e estes elementos são denominados de “dimensões” (DOLL, 2014, p.10). Para o autor existem seis dimensões e a dimensão na qual destaque é a “Dimensão Emancipatória” que faz parte da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A emancipação neste contexto refere-se ao fato de que é necessário ensinar para a libertação do sujeito, contudo isso seria a melhor forma de trazer para o sujeito idoso, que procura a

escola depois de certa idade, a autonomia e transformação de si quanto do meio social em que vive. Segundo Doll

Quando nos compreendemos melhor o mundo, que nos rodeia, temos mais possibilidades de intervir e não ficar somente a mercê de forças externas de nós. Para isso, dois aspectos são necessários: primeiro, acreditar na sua capacidade de aprender e compreender o mundo e, segundo, dispor das competências ou instrumentos adequados para participar de forma ativa na sociedade. Estes aspectos, defendidos por Paulo Freire, podem ser construídos em um processo educativo. (DOLL, 2014, p.12).

A aprendizagem para estes idosos na EJA seria algo significativo, pois estaria dando condições de desenvolver o senso crítico, a reflexão e discussão da sua realidade, o exercício da sua cidadania, como em mudanças no âmbito social, profissional e social. Essa é a diferença do ensino que apenas transmite o conteúdo para a aprendizagem do educando, não levando ele a questionamentos, denominada por Freire como “Educação Bancária”, pois segundo este autor a educação “é puro treino, é pura transferência de conteúdo, é quase adestramento, é puro exercício de adaptação ao mundo.” (FREIRE, 2000, p. 101).

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

No decorrer da minha formação como docente sempre estive mais envolvida com as crianças, até porque minhas práticas sempre foram com a faixa etária de dois a cinco anos. Também podemos notar que cursos para formação de professores estão mais voltados para etapa infantil. Sendo que o curso de Pedagogia na UFRGS não é diferente, pois o mesmo nos proporcionou mais disciplinas voltadas para a infância do que para adultos. Raras disciplinas nos foram ofertadas para Educação de Jovens e Adultos.

Quando estamos mais comprometidos com a educação infantil temos melhor conhecimento e compreensão da aprendizagem das crianças. A aprendizagem infantil parte da curiosidade e disposição das mesmas, pois sempre estão querendo fazer descobertas daquilo que as chama atenção sendo que isso é algo que nunca deveria morrer. São seres que aprendem até no brincar e que o entusiasmo é uma característica marcante do ser criança. A criança faz de sua aprendizagem algo prazeroso, mas infelizmente ao chegar à escola, para o ensino formal, perde-se este encantamento pelo aprender pelo fato de a tornarem algo rígido e também muitas vezes por fazerem homogênea como se todas as crianças aprendessem da mesma forma, esquecendo que cada um tem sua singularidade. Mas para não ficarmos apenas com experiências na educação infantil é importante nos envolvermos com outras etapas da educação, pois foi isso que resolvi fazer. Todas as disciplinas de Jovens e Adultos que eram ofertadas pelo curso de Pedagogia eu aproveitava ao máximo, mas foi no sexto semestre com a Disciplina Seminário de docência: saberes e constituição da docência- 6 a 10 anos ou EJA que tive o início da minha prática com a modalidade EJA. Nunca vou esquecer esta experiência, pois me deparei com outra realidade na qual estava acostumada, e vi o quanto é gratificante estar ensinando pessoas com idade avançada, sendo que as mesmas vencem seus limites e dificuldades para darem continuidade aos estudos e deparei-me com sujeitos que ainda carregavam em si a alegria em aprender. Posso dizer que não foi fácil ensiná-las por não ter tido nunca uma experiência anterior, mas foi recompensador por estar vivenciando algo novo e que me trouxe encanto.

Juntamente com esta disciplina na qual realizei, citada anteriormente, também fiz a disciplina de Psicopedagogia. Nesta disciplina tínhamos um trabalho norteador durante o semestre que era realizar um estudo de caso com um aluno (a) com dificuldade de aprendizagem, e como eu estava fazendo esta prática em uma turma da EJA resolvi fazer com uma estudante de setenta anos que frequentava este lugar. Lembro que na minha turma fui a

única que fez o estudo com uma idosa, a maioria o fez com uma criança. O estudo de caso com esta idosa me proporcionou um melhor conhecimento sobre o processo de aprendizagem na fase da velhice.

Porém, quando cheguei à etapa do sétimo semestre do curso em que deveria realizar o estágio obrigatório, optei por fazê-lo na EJA. Como já havia tido uma boa experiência nesta modalidade então pensei que não seria diferente se a realizasse novamente. Mas mesmo por ter tido uma experiência válida, eu fiquei nervosa e com medo, pois desta vez não seria apenas uma prática com duração de uma semana e sim um estágio que duraria em torno de cinco meses. Tinha em mente que teria um desafio pela frente. Quando dei início a este desafio foi algo surpreendente, pois deparei-me com uma turma muito acolhedora e entusiasmada, sendo que isso são características muito importante para a aprendizagem, pois a facilita. Ali puder perceber que o aprender ainda poderia ser feito com prazer deixando apenas de ser uma característica da etapa infantil. Os estudantes que ali frequentavam eram sujeitos a dificuldades e limitações, mas suas vontades em aprender bem como suas disposições eram maiores que estes obstáculos.

Como esse assunto sobre aprendizagem e envelhecimento já havia me despertado interesse anteriormente, este só se intensificou quando questões levantadas, no estágio obrigatório, pelos próprios estudantes sobre a aprendizagem me fizeram refletir mais profundamente sobre o mesmo. A turma mesmo quis saber mais sobre o funcionamento do cérebro, se ele envelhecia, se havia como transplantá-lo, se o tamanho era o mesmo para todos e se ficava mais lento com o tempo. E no meio destas questões levantadas uma estudante de sessenta anos perguntou por que eles demoravam em aprender, então esta questão me instigou ainda mais fazendo com que eu passasse a refletir sobre mais questões a partir desta formulada por esta estudante, que são: É possível continuar aprendendo mesmo com a chegada da velhice? Como se dá o processo de aprendizagem na velhice? Quais são as conquistas e desafios que esses idosos enfrentam a partir desta busca pela aprendizagem? No entanto, estas perguntas são norteadoras para dar origem a pesquisa deste trabalho de conclusão.

Durante este estágio tive a oportunidade de conhecer a estudante Maria² de 66 anos. Uma senhora extremamente esforçada, dedicada e muito comunicativa. Diante das discussões feitas em aula ela sempre dava sua opinião sem receio, muitas vezes era a única a falar diante da turma, os demais era necessário um incentivo para que participassem. A estudante Maria

² A identidade da estudante entrevistada foi preservada, como também seu local de estudo. Eliza será o nome fictício que me referirei a ela.

estava avançada na aprendizagem, com a possibilidade de ser transferida para outra turma, que no caso seria para uma turma de T3. Havia uma disposição muito notória nesta estudante em aprender, sendo que eu sempre ouvia elogios da professora regente da turma em relação a ela, não que os demais não fossem valorizados, mas Dona Maria se destacava por sua força e garra. Também era uma pessoa bem querida pelos colegas, sempre disposta em ajudar quem precisasse, gostava bastante de confraternizar com a turma, um dia chegou levar um bolo feito por ela para repartir com os demais. Era realmente uma pessoa especial, que mesmo com uma idade avançada tinha uma enorme vontade de viver, viver com prazer e alegria, sendo que isso contagiava quem estava ao seu redor. Cada dia que passava tinha vontade de conhecê-la ainda mais e ter ainda mais o prazer de ensiná-la.

No entanto, ao me interessar pela história desta senhora estudante é que resolvi fazer desta pesquisa um estudo de caso. Segundo André:

Os estudos de caso buscam a descoberta. Mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos que orientam a coleta inicial de dados, ele estará constantemente atento a elementos que podem emergir como importantes durante o estudo, aspectos não previstos, dimensões não estabelecidas a priori. A compreensão do objeto se efetua a partir dos dados em função deles. (ANDRÉ, 1994, pg. 52).

Também de acordo Ludke e André (1986) “O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular.” (p.17), e é utilizado quando o pesquisador procura “responder às questões ‘como’ e ‘por que’ certos fenômenos ocorrem [...] que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real.” (GODOY, 1995, p. 25). Desta forma, disponibilizei-me a investigar a história de vida desta estudante, sua trajetória escolar, bem como suas conquistas e desafios ao retornar a estudar estando em idade avançada, tendo, portanto, a questão da aprendizagem como fio condutor na busca desta perscrutação. Será feita uma entrevista semi-estruturada, com isso, é importante ressaltar que a função da entrevista é coletar “dados completos” que possam “ampliar os ângulos de observação e a condição de produção dos dados” (ZAGO, 2003, p. 298). Entretanto, vejo que desta forma será mais proveitoso usar a entrevista como instrumento para coleta dos dados do que utilizar uma ordem rígida de perguntas, não esquecendo que terei que criar um clima de troca, confiança e liberdade para conversação.

Sendo assim, farei uma interpretação dos dados a partir da triangulação da minha leitura de mundo incluindo as experiências vividas junto à estudante Maria, as informações dadas pela a entrevistada e as teorizações dos autores que são importantes para embasar esta escrita que são: Paulo Freire e Peter Jarvis.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

4.1 A (RE) SIGNIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM DO IDOSO NA EJA

“Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre.” (Paulo Freire).

Então a partir destas questões apresentadas anteriormente constatamos que a inserção do idoso na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é de suma importância. Através dela terá a possibilidade de vivenciar novas experiências, de relacionar-se, conhecer e apropriar-se de seus direitos, alfabetizar-se para sua transformação e do meio em qual vive reconhecendo-se como sujeito participante desta sociedade, exercendo sua cidadania. Segundo Gadotti (1984) “A educação tem um papel político fundamental, ela deve desempenhar um papel eminentemente democrático, ser um lugar de encontro, de permanente troca de experiências.” (p.157).

A educação é um direito de todos nós, e apropriando-se deste direito e lutando por ele temos a oportunidade de obter crescimento e mudança, pois o ensino não pode ser considerado ou ser visto apenas como um instrumento de transmissão de informações. Podemos até reter informações, mas a pergunta é “o que fazer com tantas informações obtidas?”. Freire (2005) já dizia que “[...] ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou sua construção” (p.22). Entretanto, pensar na educação como transformadora é acreditar que é possível a modificação de uma sociedade que abrange a desigualdade, o preconceito, a miséria e corrupção, pois o homem transformando-se por abrir-se ao mundo através desta educação e tornando-se uma pessoa que usa a criticidade para reaver sua realidade estará tendo a oportunidade de exercer sua cidadania bem como para a realização de uma vida mais digna. Para Pinto (1989) “a educação é um processo histórico de criação do homem para a sociedade e simultaneamente de modificações da sociedade para o benefício do homem.” (p.39). Contudo, é possível acreditar que homem e sociedade podem beneficiar-se de uma educação que se empenha para a melhoria e para o crescimento de ambas as partes.

Desta forma, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um espaço para valorização dos idosos, pois o preconceito contra a velhice existe, sendo que este é visto como sujeito

improdutivo e sem capacidade em aprender. Mas ganha credibilidade ao apropriar-se deste espaço educativo, que se preocupa, ou deveria se preocupar em alguns casos, com a educação destes sujeitos. Entretanto, podemos perceber que a questão do assistencialismo neste ambiente não ocorre, pois este acaba não sendo somente um meio de atender estas pessoas para oferecer-lhes recreação ou alguma ocupação, pois estas precisam também de um espaço para transformar-se como pessoas. “Pois se os idosos são percebidos como pessoas com deficiências, com problemas, a tendência é um atendimento assistencialista” (DOLL, 2014, p.9). Partindo deste argumento, constatamos que o idoso ao iniciar ou reiniciar seus estudos na EJA estará ganhando condições de alfabetizar-se não apenas para a aquisição do código escrito e sim para ter compreensão da mesma dando-lhe um significado ou sentido, formando, portanto, sujeitos pensantes. Freire (2003) diz que “Quando aprendemos a ler e a escrever, o importante é aprender também a pensar certo. Para pensar certo devemos pensar sobre a prática do nosso trabalho.” (p.56). Este sujeito também trará consigo uma bagagem de experiências e saberes que serão acrescentados com conhecimentos novos e com experiências novas. Então o ato ou a prática do aprender a ler e escrever tem que partir do contexto deste estudante bem como de sua realidade, assim estará analisando de forma crítica as suas vivências na sociedade. Freire aponta que:

O processo de aprendizagem na alfabetização de adultos está envolvida na prática de ler, de interpretar o que lêem, de escrever, de contar, de aumentar os conhecimentos que já têm e de conhecer o que ainda não conhecem, para melhor interpretar o que acontece na nossa realidade. (2003, p. 48).

É importante então ressaltar que a educação é um meio que proporciona aos idosos uma significação do seu eu, permitindo-lhes a possibilidade de constituírem-se como sujeitos autônomos, pensantes, que acreditam em uma vida melhor e mais justa. A educação em si trás muitos benefícios a estes estudantes nesta etapa da vida, pois os idosos por muitas vezes são caracterizados como indivíduos frágeis e incapazes. Para Doll, Ramos e Buaes (2015) “o trabalho educativo pode desconstruir o estereótipo da velhice como algo necessariamente vinculado à fragilidade, à pobreza e à vulnerabilidade, produzindo novas imagens e novos saberes em relação aos velhos.” (p.11).

Estes indivíduos com idade avançada mesmo enfrentando declínios inerentes ao envelhecimento são sujeitos com capacidade em aprender, até porque muitos acreditam nesta possibilidade e procuraram a escola para dar continuidade aos estudos que por algum motivo não foi possível levar a diante ou por nunca ter acontecido na vida de alguns. Portanto, por

mais que não tenham tido esta oportunidade possuem mesmo assim um saber acumulado advindas de suas experiências de vida e de certa forma a educação se faz presente. Conforme Pinto:

O saber é o conjunto dos dados da cultura que se têm tornado socialmente conscientes e que a sociedade é capaz de expressar pela linguagem. Nas sociedades iletradas não existe saber graficamente conservado pela escrita e, contudo, há transmissão do saber pela prática social, pela via oral e, portanto, há educação. (2007, p.31).

E neste engajamento pelo aprender haverá crescimento, o idoso irá perceber-se como ator de sua vida, bem como terá conquistas no âmbito familiar e social. De acordo com Freire (2005) “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor.” (p.58-59). Assim, o envelhecimento irá apresenta-se com novos significados, ou seja, o idoso terá condições de exercer sua cidadania, terá liberdade, será mais autônomo e com projetos de vida.

Como a aprendizagem é algo inacabado, não sendo um fim em si mesma, ela sempre trará um novo não saber. Mesmo que nossas experiências primárias estejam já formadas, que são aquelas experiências das nossas sensações através da intersecção com o mundo-vida, haverá sempre aquele novo aprender decorrentes das indagações que fazemos na mediação com o mundo (JARVIS, 2013). Este novo não saber surgirá do não entendimento da linguagem, do sentido da palavra do que da própria sensação em si, esta estará presente e ocorrendo naturalmente, mas não estaremos tão cientes dela. Este processo parte das experiências secundárias. Estas experiências são muito importantes no processo de aprendizagem de estudantes que frequentam a EJA, pois ao mesmo tempo em que já possuem saberes acumulados terão condições em aprender através de experiências novas.

Esta busca pelo aprender parte da inconformação, sendo que concordar ou discordar, a dúvida, o não saber, a incerteza tem que fazer parte do processo de aprendizagem. Que este aprender, no entanto, acarrete a emancipação do sujeito idoso que busca na EJA a continuação de seus estudos, tendo sempre em mente que é preciso valorizar o saber que o mesmo trás consigo e que o ensinar venha partir sempre de sua realidade. Freire (2003) afirma que “desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e as escrever palavras e frases, já estamos ‘lendo’, bem ou mal, o mundo que nos cerca.” (p.71).

Esta aprendizagem para o sujeito idoso, no entanto, surge através de experiências secundárias que ela irá vivenciar. Ressaltando que a pessoa com idade avançada já tem suas experiências primárias formadas nas quais andarão em conjunto com estas experiências secundárias. Este processo de aprendizagem dá-se ao longo da vida. Jarvis afirma que:

Como a aprendizagem é um fenômeno existencial, meu ponto de partida é a pessoa inteira – ou seja, corpo e mente. Podemos descrever esse processo como o da essência humana emergindo da existência humana, um processo que continua ao longo da vida inteira, em que a essência não emerge sem ajuda, por assim dizer – assim como o corpo físico precisa de comida para amadurecer, a existência humana precisa ter experiências e aprender para que a essência humana desenvolva. O estímulo para essa aprendizagem é a nossa experiência do mundo – o ponto em que fazemos intersecção com o mundo (tanto físico quanto social). (2013, p.42).

Contudo, o estudante idoso, ao estar sendo alfabetizado na EJA, estará tendo a oportunidade de construir seu conhecimento através de suas experiências vivenciadas no decorrer de sua trajetória de vida. Com a possibilidade de refletir sua realidade bem como transformá-la, vendo-se como um sujeito que é participante de uma sociedade no qual ele faz parte, reconhecendo-se como alguém que tem voz e que tem condições de lutar pelos seus direitos. Segundo Freire (2003) “a alfabetização de adultos enquanto ato político e ato de conhecimento, comprometida com o processo de aprendizagem da escrita e da leitura da palavra, simultaneamente com a “leitura” e a “reescrita” da realidade [...]” (p.41). Portanto, não basta somente buscar a aquisição do código escrito, mas também dar significado ou sentido naquilo que está aprendendo, sendo que isso contribui para a formação de sujeitos que pensam sobre a realidade, discutem sobre ela e buscam mudanças tanto de si quanto para o meio em qual vivem, sendo isso de suma importância para a autenticidade do sujeito idoso.

4.2 O IDOSO NA EJA E SUAS RESPECTIVAS APRENDIZAGENS: CONTRIBUIÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

Cada ser humano tem sua história, sua trajetória de vida e suas experiências de aprendizagens. A aprendizagem acontece na vida de todos e pode acontecer independente de estar ou não na escola. Mas falando de escola, nem todos tiveram a oportunidade de ingressar em um ensino formal por diversos motivos, sendo que somente em idade avançada puderam apropriar-se de um espaço escolar. Sendo assim, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um espaço que oferece vagas a pessoas também idosas permitindo-lhes a possibilidade de

vivenciar novas experiências tanto para sua mudança quanto para o meio no qual vive. Doll (2014) aponta que “No contexto da Educação de Jovens e Adultos, encontra-se um grupo significativo de pessoas idosas, que na sua época não conseguiram, pelas mais variadas razões, uma formação escolar e procuram isso agora com idade mais avançada.” (p.10).

A estudante Maria é um exemplo para quem começa ou retorna a estudar depois de uma idade avançada, portanto, neste tópico farei uma análise de sua trajetória de vida bem como de suas experiências de aprendizagem no decorrer deste percurso, tanto dentro quanto fora da escola formal. Para esta análise foram feitas onze perguntas sendo que destacarei apenas sete que considero pertinentes para este estudo de caso. Que são: Conta-me como foi o seu contato com a escola? – Motivo de voltar a estudar? Como são suas experiências na escola? – Conta-me das suas experiências na sua idade? Quais suas aprendizagens mais significativas e que foram marcantes na trajetória de sua vida? O que mudou a partir das aprendizagens? – Estar na escola agora, o que traz isso para você? Então a partir desta conversa destacarei algumas falas que para mim foram relevantes para a compreensão do tema.

Bem sabemos que nem todas as pessoas tiveram a possibilidade de dar continuidade aos estudos por diversos motivos. Tenho exemplos em minha família que passaram por essa mesma situação, pois abandonaram os estudos para poderem ajudar na sustentação da casa. Mas também há aqueles casos que nunca frequentaram a escola quando eram crianças, dando início aos estudos somente com a idade avançada, que é também o caso da estudante Maria.

[...]mas quando criança nunca frequentei escola. Criei-me com a minha avó, ela nunca gostava de estudos, parecia que era o fim estudar, então era só em casa mesmo. Eu tinha todos os gurus (filhos) quando entrei para o colégio em Santana do Livramento. Como era a noite e tinha que caminhar um bom pedaço para pegar o ônibus, então não deu para continuar, mais foi lá que tive os primeiros contatos com a escola. Depois vim para Porto Alegre e faz uns três anos que frequento o Colégio para Jovens e Adultos.

Notamos, no entanto, que essa situação tem mudado no decorrer dos anos, pois as mulheres têm conquistado seus espaços, principalmente na área da educação. Desta forma, a educação é um direito de todos e temos que lutar por ela, pois com ela temos condições de crescimento e de mudanças, mas as oportunidades de estudos antigamente eram muito mais difíceis para as mulheres, pois eram vistas e reconhecidas somente pelas suas atribuições domésticas. A mulher ocupava seu tempo apenas com tarefas que fossem desempenhadas em prol ao lar de sua convivência. Segundo Louro (2006) “na opinião de muitos, não havia porque *mobilizar* a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino

primordial- como esposa e mãe- exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o *pilar de sustentação do lar*, a educadora das gerações do futuro” (p. 446). De acordo com essa mesma autora

No entanto, não se pode esquecer que, de um modo geral, as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas. As diferenças entre o sexo masculino e feminino estavam presentes nas concepções educativas dos imigrantes- da mesma forma que determinavam, é claro, as dos luso-brasileiros. (2006, p.445).

Na turma da EJA em que realizei o estágio, no qual conheci a estudante Maria, havia entre oito estudantes freqüentes um homem e todos eram idosos. Com isso, percebe-se o grande número de mulheres idosas iniciando os estudos ou retornando pelo fato de não terem tido a oportunidade, por diversos motivos, de frequentar um espaço escolar. Todas têm um motivo específico que a leva a procurar uma escola e que em alguns casos são semelhantes.

Primeiro porque queria tirar minha carteira de motorista, faz muita falta. E também faz muita falta estudar, mas o pouco que eu sei ajuda muito. Aqui em Porto Alegre tem estes ônibus, se chegamos a uma linha de ônibus e não sabemos qual ônibus pegar nós nos perdemos, temos que saber o ônibus que vamos pegar. Se quisermos andar em uma rua temos que saber ler o nome dela, é ruim ficar perguntando para um e outro, pois nem todos ensinam certo, muitos ensinam errado. Fui alfabetizada com bastante idade. Há pouco tempo fiz uns cursos no Mercado, então temos que saber apontar, porque uns te dão apontado, mas em outros nós temos que saber apontar.

Todos que ingressam na escola buscam sua autonomia, sendo isto muito presente nas falas dos estudantes idosos na EJA na qual realizei o estágio. Eles relataram que ao voltar estudar conseguiram fazer coisas nas quais não conseguiam fazer sozinhos como: viajar, ler um bilhete, fazer conta no mercado, entre outras questões. A estudante Maria especificou seu motivo ao voltar estudar que seria para poder tirar sua carteira de motorista bem como ler os nomes dos ônibus. Essa autonomia precisa ser conquistada, pois ela realmente nos trás vários benefícios. No caso dos estudantes idosos, isso para eles é muito importante já que muitas vezes são caracterizados como sujeitos incapazes devido a idade. A velhice tem seus declínios que é algo natural que ocorra, mas não são motivos para que a pessoa se sinta inválida. Conheci muitas pessoas, que ao chegarem nesta etapa da vida, falarem que não tinham mais condições de estudar porque se sentiam com dificuldades. Mas ao ter a oportunidade de conviver com pessoas idosas na turma da EJA percebi que este quadro pode ser revertido, pois ali havia sujeitos de sessenta até oitenta anos que estavam lutando para serem diferentes.

Eram pessoas dispostas e entusiasmadas pelo aprender. Mesmo enfrentando suas limitações sempre se faziam presentes em sala e sempre demonstrando interesse pelos estudos. Sendo que a escola realmente era um lugar que os acolhia e se preocupava em não apenas transmitir o conhecimento e sim pela mudança do sujeito bem como do seu meio. Conforme Freire:

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. (1991, p. 16).

Então quando o idoso começa a frequentar um espaço educativo ele tem a possibilidade de vivenciar novas experiências resultando em novos aprendizados. Ressaltando que as experiências anteriores sempre influenciarão nas aprendizagens posteriores que acontecem através das experiências novas. Contudo, as experiências fazem parte da vida de todos nós e compõem nossa história, e na escola passamos por muitas experiências, umas são boas e outras são ruins, umas são experiências marcantes e outras nem tanto até porque acabamos esquecendo e não conseguimos lembrar de todas elas. De certa forma as experiências nos ensinam e não há como não passar por estas ao estar na escola, até porque é um lugar de trocas e de relações.

São experiências boas, nós conhecemos pessoas novas todos os dias, cada um tem o seu jeito de tratar. Muitas coisas nós aprendemos, até no modo de tratar as pessoas. Conheci muita gente, gosto de todos os professores, pois são pessoas muito queridas, até quando estava na fila do lanche, vinha um professor e me dava um abraço, era uma coisa muito linda, então isso quer dizer que a gente ficou com uma amizade boa, uma amizade grande entre nós. Só tive uma briga com uma colega porque ela queria meu lugar e dei meu lugar para ela. Lembro-me de algo que aprendi sobre o Rio de Janeiro, que foi quando fizemos um trabalho em que a professora nos explicou uma coisa importante, que no começo não tinha nada daquelas favelas, depois as pessoas foram chegando e os que tinham mais possibilidade do que os outros foram empurrando aqueles lá para longe e foram tomando posse das partes melhores, então eu acho isso uma coisa muito importante, isso aí eu não sabia. E outras coisas importantes como histórias que ela pegava do livro, eram histórias reais.

Então a escola por ser também um espaço de relações e de trocas proporciona aos idosos a oportunidade para que o mesmo esteja em contato com outras pessoas criando vínculos de amizades. Lembro-me que a estudante Maria gostava de confraternizar com seus colegas e professores. Como ela é especialista em fazer bolos decorativos pelo fato de haver feito curso para isso, ela fazia e os levava para a sala para que pudéssemos ter um momento

de confraternização. Todos ficavam entusiasmados e isso gerava mais vínculo entre nós e que refletia de forma significativa no ensino-aprendizagem. Segundo Freire (2005) “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência de hoje.” (p.143). Essa relação de amizade fazia-se se muito presente na prática do estágio na EJA.

Muitas destas experiências escolares que são significativas têm a ver também com nossos conhecimentos adquiridos em sala, pois muitos deles são marcantes para nós quando são tratados de forma que parta da nossa realidade, pois somos bombardeados de informações que por muitas vezes não tem significados para nós, que são conteúdos ensinados sem associação com a nossa experiência social. É necessário que haja uma conexão entre o que é aprendido com aquilo que estamos vivenciando, pois se obtivermos um espaço educativo que nos proporciona a discussão e o refletir da realidade, colocaremos isso em prática em nossas vidas e seremos sujeitos com mais capacidade de pensar certo, criando também um pensar crítico sobre as coisas, não concordando com tudo e sim sujeito a mudanças. Desta forma, o idoso já trás consigo saberes socialmente construídos bem como uma vasta experiência de vida e que precisam ser levados em considerações em sala de aula para serem debatidos para a compreensão destes estudantes. Isto ajudará a serem sujeitos mais autônomos que os torna participantes de forma ativa na sociedade em que vivem, já que são retratados como indivíduos inativos. A estudante Maria tinha conhecimento sobre as favelas, mas não tinha noção de como elas foram surgindo, e quando essa questão foi tratada em sala através de discussões claras para a reflexão então ela percebeu o quanto é importante estudar assuntos que falam e discutem a realidade. De acordo com Freire (2005):

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, p. 30).

Em relação às experiências em sua idade, a estudante Maria diz que é uma pessoa ativa em seu convívio familiar, pois segundo ela essas também são experiências que são muito gratificantes. A mesma gosta de ajudar a quem for necessário. Para ela não existe velhice que a impeça de viver ativamente.

Eu faço muita coisa, eu mesmo não paro, além de cuidar da minha casa, ajudo filhos, ajudo netos. Sempre viajando para atender problema de um e de outro, e isso é muito bom,

eu acho ótimo. Volta e meia tenho que estar saindo com as gurias (netas). Gostaria de fazer muito mais, aqui em Porto Alegre é muito difícil, mas mesmo assim que fazer mais, quero abrir minha lancheria, fazer bastante coisas para trabalhar, além do salão que ajudo a guria (nora) atender. São tudo experiências boas, claro todo mundo tem uma luta, tem sua dificuldade, mas isso tu é passageiro, passa.

Realmente a estudante Maria era muito ativa na escola em que frequentava, pois em sala sempre demonstrava interesse em aprender e debater assuntos que eram levantados em sala, opinava de forma crítica e sem ressentimento de se expor, pois a maioria dos estudantes da turma no início do estágio se sentia inseguros em se manifestar, sendo que D. Maria tomava a frente das conversas, sendo de certa forma uma referência para a turma. Sempre disposta em ajudar os colegas no que eles precisassem, os auxiliava nas atividades propostas bem como os aconselhava em suas vidas particulares. Então ela aprendia muito nestas relações de trocas, pois sempre estava aberta para novas situações e experiências. Como já havia dito anteriormente, a EJA não é apenas um espaço de transmissão de conteúdos, mas também um espaço que proporciona a interação, a trocas de experiências, o compartilhamento de saberes e o aprender da escuta no que diz respeito à fala do outro. Doll (2014) afirma que “como as relações sociais são um dos fatores chaves para o bem-estar na velhice, o exercício e o aprofundamento da competência comunicativa é da maior importância.” (p.11). Entretanto, era muito prazeroso estar em sala com estes estudantes idosos que sempre tinham algo para contar e compartilhar, tornando a aula um ambiente agradável, pois com o decorrer do nosso estágio eles já estavam mais a vontade e seguros para expor suas falas, opiniões, sendo que já não cabia apenas a D. Maria a participação nas conversas e o respeito entre eles nas discussões sempre se fazia presente.

D. Maria por ser uma pessoa ativa e entusiasmada pela vida, sempre gostou em aprender. Por mais que tivesse sido privada em sua infância de frequentar a escola ela nunca deixou de sonhar. Realizou cursos e diz que pretende continuar se aperfeiçoando.

Sempre estamos aprendendo, até morrer estamos aprendendo, a gente nunca para de aprender. Nós aprendemos tantas coisas são úteis. Estamos sempre aprendendo. Nestes dias eu fui em um curso e aprendi muitas decorações de bolo, algo que eu não sabia, tive que fazer muito esforço para aprender, e gostei muito. Porque no decorrer no curso estamos sempre aprendendo, cada dia do curso que vamos estamos sempre aprendendo uma decoração nova. Aprendi muitas coisas. Eu não consigo fazer o glacê de jeito nenhum, até me ensinaram mais não deu, então a professora me ensinou a comprar o merengue em pó, uma coisa que nem sabia que existia, uma coisa que aprendi que pra mim é muito útil mesmo. Nós aprendemos muitas coisas que ficamos felizes. Eu já fiz um monte de cursos, tenho todos meus diplomas para trabalhar no salão de beleza, mas eu digo pra mim se é para eu continuar firme eu tenho que fazer novos cursos de novo porque estamos sempre

aprendendo. O que aprendemos alguns anos atrás chega um tempo que aquilo não vale mais nada porque tudo são novas coisas, novos cortes, novas maquiagens, isso tudo são coisas novas que a gente sempre tem que aprender. Gostei muito de aprender, mas não é o que desejo fazer. É muito bom a gente aprender.

Estes cursos para ela foram de extrema importância, pois através deles ela obteve aprendizagens que a ajudaram a ter o seu próprio negócio. Ela sempre acreditou que seria capaz de conquistar seus objetivos e não se deixar ser vencida pelas suas dificuldades. E até com a idade avançada ela continua pensando em querer continuar aprendendo para poder dar continuidade a estes projetos, já que seu sonho é abrir uma lancheria. Constatamos então que D. Maria dá um novo olhar para a velhice, ou seja, um novo significado, pois para ela ser velho não significa ser inativo, pois é possível sim continuar aprendendo e aproveitando as oportunidades que são oferecidas. A partir disto podemos pensar então que o idoso precisa lutar pelo seu espaço e reconhecer-se como sujeito que tem condições de crescer e mudar. Muitos, infelizmente, ao chegar à etapa da velhice acabam deixando de lado a vontade de viver, acabam dizendo que não tem mais idade para fazer tal coisa. Deixam de lutar pelos seus direitos e de exercerem sua cidadania. Essa forma errada de pensar sobre o ser velho vem de uma sociedade que caracteriza o idoso como um indivíduo incapaz e inválido, gerando certo preconceito em relação a eles. A velhice não pode ser representada apenas como um declínio e sim como uma etapa em que há uma rica e vasta experiência no qual pode contribuir muito para a sociedade em si. E buscar a melhor forma de viver esta etapa é adquirir uma vida saudável e equilibrada através de meios que proporcionam o bem-estar. Assim como a estudante Maria, não podemos desistir de nossos objetivos e sim lutar por eles para vivermos uma vida digna e com melhores condições.

A escola, portanto, é um meio que dá condições ao idoso de vivenciar novas experiências contribuindo para o seu bem-estar. Pois, valoriza estes estudantes que acreditam que podem continuar aprendendo para que possam continuar sendo sujeitos autônomos e ativos na sociedade em que vivem. Neste espaço eles podem não somente aprender o conteúdo curricular, mas também aprender através das discussões da realidade, das relações, das trocas, ou seja, aprender com o outro. O idoso terá, portanto, através dos estudos, muitos benefícios no que diz respeito a sua vida pessoal, social e familiar.

Traz-me coisas muito boas. Estou sempre aprendendo, aprendendo mais palavras, por isso eu digo, eu quero aprender mais um pouco, porque eu sei muito pouco. Estar na escola traz benefícios bons, até na maneira de tratar uma pessoa, hoje em dia a pessoa tem que saber muitas palavras pra conversar. Mesmo que o tempo te educa, o tempo te traz

educação porque a experiência vai trazer a educação, mas nada do que irmos ao colégio e aprender, é outra coisa.

Segundo a estudante Maria, a escola lhe trouxe muitos benefícios e algo que ela destaca em sua fala sobre estes benefícios é a questão do aprender novas palavras. Vejo que para ela aprender novas palavras é importante pelo fato que a mesma é muito comunicativa, pois em sala sempre gostava de expressar sua opinião ou compartilhar algum assunto pertinente com a turma. Vejo também que D. Maria se sente bem tratada na escola, sendo isso um dos motivos nos quais sempre estava presente na escola, raramente faltava, pois ali era um lugar no qual ela se sentia valorizada e respeitada. Sendo que isso também refletia em suas atitudes com as pessoas que frequentavam também este espaço, pois a mesma sempre fazia questão de tratar todos bem, preocupando-se e oferecendo ajuda a quem precisasse.

Algo que me chamou atenção na conversa com a estudante Maria é o fato de ela mencionar que sabe muito pouco e que precisa aprender muito mais. Então valho-me das palavras de Freire quando diz que:

Não podemos duvidar de que a nossa prática nos ensina. Não podemos duvidar de que conhecemos muitas coisas por causa de nossa prática. Não podemos duvidar, por exemplo, de que sabemos se vai chover ao olhar o céu e ver as nuvens com uma certa cor. Sabemos até se é chuva ligeira ou tempestade a chuva que vem. (2003, p.71).

Então partindo deste pressuposto vejo que D. Maria se reconhece como uma pessoa que sabe pouco esquecendo de que suas experiências advindas de sua prática as trouxe muitos aprendizados. As pessoas que buscam começar a estudar depois de uma idade avançada, assim como ela, pensam que ao entrar na escola não sabem o bastante, até porque procuram a escola para poder aprender a aquisição da letra escrita bem como da leitura, algo que foi negado em tempos anteriores. O aprender a ler e escrever não deixa de ser importante, mas estas pessoas precisam compreender que ao estarem sendo alfabetizadas estarão construindo conhecimentos a partir de suas vivências e experiências, sendo que suas necessidades sempre serão levadas em conta, isso irá gerar, portanto, autonomia para o educando, pois seus saberes serão respeitados e sua realidade discutida para que haja mudanças significativas. Conforme Freire

A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de aprender a substantividade do objeto aprendido. A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico,

epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção (2005, p.69).

Por mais que a estudante diga que a experiência traz a educação, para ela o aprender na escola é mais significativo. Mas de que forma queremos essa aprendizagem significativa em nossa prática escolar? Realmente a aprendizagem escolar não deixa de ser importante, pois a aprendizagem na escola tem sim seus benefícios, mas só há benefícios quando ela dá condições ao educando de transformar-se como sujeitos autônomos que busca alternativas de mudanças para realidade em que vive. E não buscar somente aprendizagem sem sentido que é aquela que acontece a partir da aquisição de informações sem refletir e discutir sobre. E, além disso, estar na escola é possível se sentir parte de um grupo social bem como fazer amigos, pois isso não deixa de fazer parte deste processo de aprendizagem e muitos vão à escola por esse motivo.

É de suma importância também valorizar o conhecimento prévio do educando. Conforme Freire (2003) “desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos ‘lendo’, bem ou mal, o mundo que nos cerca” (p.71).

De fato a Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve colaborar para a ressignificação da aprendizagem destes idosos, que é não fazê-los aprender apenas para decorar algo ou estudar mecanicamente, e sim dar oportunidades a eles em aprender para a mudança e transformação. A partir disto, muitos idosos irão resgatar seu valor na sociedade, serão sujeitos mais ativos e participantes já que estarão se reconhecendo como pessoas que têm condições de lutar por uma vida mais digna. Nesta procura pela aprendizagem também estarão tendo a oportunidade de desenvolverem a consciência crítica bem como o verdadeiro exercício da cidadania. Apesar de suas limitações os idosos ainda têm possibilidades de serem sujeitos mais independentes, e isso vai da aprendizagem significativa de cada um.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho de conclusão e refletir sobre as questões de aprendizagem e envelhecimento, suas relações bem como a inserção do idoso na Educação de Jovens e Adultos (EJA), possibilitou-me conhecer com um pouco mais de profundidade as vivências e experiências de aprendizagem destas pessoas idosas independente de suas limitações. Vejo que é um assunto amplo e que não pode simplesmente se limitar neste trabalho, pois novas questões vão surgindo e com ela novas reflexões, sendo necessário sim dar continuidade pela busca do conhecimento destes sujeitos que fazem parte desta sociedade e que estão lutando pelos seus direitos, e um desses direitos é o direito pela educação.

Entretanto, é importante fazer com que estes indivíduos sintam-se valorizados já que são por muitas vezes caracterizados como pessoas incapazes só pelo fato de terem alcançado uma idade avançada e que de certa forma são esquecidos pela sociedade, pois esta valoriza aquilo que é rápido e ágil dando oportunidades mais aos jovens por serem mais produtivos. Os idosos, mesmo enfrentando o declínio que é inerente ao envelhecimento, são pessoas que ainda tem capacidade para agir, pensar por si mesmo, ser autônomo e ativo. Muitos que procuram a escola a procuram porque querem alcançar a liberdade e independência, não precisando depender sempre de alguém para fazer algo, querem poder ler receitas, viajar sozinhos, escrever bilhetes e se defender. Então a escola é um espaço que proporciona a estes sujeitos idosos a oportunidade de emancipar-se, surgido, portanto, simultaneamente uma significação do seu eu já que estes ainda têm condições de serem participantes na sociedade em que vivem de forma ativa e autônoma, apesar das dificuldades físicas.

A Educação de Jovens e Adultos é um meio de valorização destes idosos, pois oferece a estes indivíduos um ensino que não somente pretende transmitir o conhecimento, e sim fazer com que o sujeito construa o seu conhecimento partindo de sua realidade e vivências. Assim como nos aponta Freire (2005) “[...] ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou sua construção” (p. 22). O estudante idoso precisa ter sua realidade respeitada bem como suas experiências de vida, já que tem tantos saberes para serem compartilhados e discutidos em sala, sendo necessário também que suas necessidades sejam atendidas ou contempladas já que é um espaço de trocas e de crescimento um com o outro.

Portanto, isso tudo são aprendizagens que ocorrem para a transformação destes sujeitos, pois não é uma aprendizagem que almeja apenas um fim, ou seja, estudar apenas

para conseguir um emprego melhor, passar de ano, para fazer uma prova, entre outras questões. Entretanto, seria válido pensar “eu aprendo para que?” Esta aprendizagem na qual me refiro é uma aprendizagem que precisa ter um sentido, ou seja, precisamos dar um significado a ela. Todos aprendem de sua maneira e ritmo, mas o que importa é que essa aprendizagem resulte em modificações e que traga benefícios tanto para quem aprende quanto para quem está por perto. O idoso antes de entrar na escola tem muitos saberes para serem compartilhados e valorizados, muitos acreditam que sabem pouco, pensando que só vão aprender mesmo quando frequentarem a escola formal, como se a escola fosse à única detentora do saber e que fora dela não há aprendizagem que seja valorizada. No entanto, aprendemos com nossas experiências, as situações nos proporcionam estas experiências resultando em aprendizagens, pois não existe aprendizagem sem a experiência. Então toda experiência de aprendizagem que adquirimos ao longo da vida influencia nas novas aprendizagens, porque uma acontece juntamente com a outra, por isso a importância de valorizar a bagagem de vivências acumuladas de cada estudante, pois o conteúdo curricular necessita estar associado com a realidade do mesmo, respeitando seus saberes adquiridos na prática e proporcionando o desenvolvimento da consciência crítica sobre esta realidade em que vive.

Que os idosos possam sempre lutar pelo seu espaço na sociedade, acreditando que podem sim voltar a estudar mesmo que isso tenha sido negado a eles na infância devido a diversos motivos. Que por mais que enfrentem dificuldades não venham desistir diante dos desafios, mas que sejam pessoas dispostas e entusiasmadas pelo aprender, e que este aprender lhes traga muitas conquistas, crescimentos e mudanças. Que suas relações na escola de amizade, afetuosidade, confraternização contribuam também nesta aprendizagem, pois elas são necessárias para que os idosos tenham um sentimento de pertencimento e de valorização neste lugar. Ressalto também que os idosos ao estarem abertos para alcançar novos horizontes e para o mundo têm a possibilidade de fazer a diferença no âmbito familiar, profissional e social.

Que possamos repensar sobre o que é ser velho e ter um novo olhar sobre este sujeito que ainda tem condições de ser capaz e ativo. Deixar de lado os estereótipos que tentam definir o idoso e sim ver este como um indivíduo com uma vasta experiência e que pode colaborar por uma sociedade melhor, mais justa e humana. Por isso a valorização do sujeito idoso é importante, pois através disso o mesmo pode reconhecer-se como alguém que tem a possibilidade de ainda aprender para sua autonomia bem como para sua transformação e do meio em que vive.

Para finalizar este trabalho cito um belo poema de José Saramago que retrata o real significado da idade de vida.

QUANTOS ANOS TENHO?

Tenho a idade em que as coisas se olham com mais calma, mas com o interesse de seguir crescendo.

Tenho os anos em que os sonhos começam a se acariciar com os dedos e as ilusões se tornam esperança.

Tenho os anos em que o amor, às vezes, é uma louca labareda, ansiosa para se consumir no fogo de uma paixão desejada. E outras, é um remanso de paz, como o entardecer na praia.

*Quantos anos tenho? Não preciso de um número marcar, pois meus desejos alcançados, as lágrimas que pelo caminho derramei ao ver minhas ilusões quebradas...
Valem muito mais do que isso.
O que importa se fizer vinte, quarenta, ou sessenta!
O que importa é a idade que sinto.*

*Tenho os anos que preciso para viver livre e sem medos.
Para seguir sem temor pelo atalho, pois levo comigo a experiência adquirida e a força de meus desejos.*

*Quantos anos tenho? Isso a quem importa!
Tenho os anos necessários para perder o medo e fazer o que quero e sinto.*

José Saramago

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, E. D. Marli. **Estudo de caso: seu potencial na educação.** Cad. Pesqui., São Paulo, n.49, maio 1994.

BECKER, Fernando e MARQUES, Tânia B. **Aprendizagem humana: processo de construção.** In: Pátio. Revista pedagógica. Ano 4, n. 15, nov 2000/jan 2001. P. 58-61.

ESTATUTO DO IDOSO: **lei federal nº 10.741**, de 01 de outubro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.741.htm. < acesso em 30 de Outubro de 2016.

COSTA, E. F. A.; PORTO, C. C.; SOARES, A. T. - **Envelhecimento populacional brasileiro e o aprendizado de geriatria e gerontologia.** Revista da UFG, Vol. 5, No. 2, dez 2003 on line (www.proec.ufg.br) < acesso em 10 de Setembro de 2014.

DOLL, Johannes. Educação e Envelhecimento: Desafios no mundo contemporâneo. In: ANICA, Aurízia; FRAGOSO, Antônio; RIBEIRO, Carlos, SOUZA, Carolina de (orgs). **Envelhecimento Ativo e Educação.** Universidade de Algarve: e-book, dezembro 2014.

DOLL, Johannes; RAMOS, Anne Carolina; BUAES, Caroline Stumpf. **Apresentação – Educação e Envelhecimento.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n.1, p. , jan./mar. 2015. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. < acesso em 18 de Julho de 2016.

FALCÃO, Gérson Marinho. **Psicologia da aprendizagem.** São Paulo: Ática, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____ **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____ **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez; 1991.

_____ **A Importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____ **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

- GADOTTI, M. **A educação contra a educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p.20-29, Mai./Jun. 1995.
- HOWE, Michael J. A. **Introdução a Psicologia da Aprendizagem**. São Paulo: Vértice, 1986.
- JARVIS, Peter. Aprendendo a ser uma pessoa na sociedade: aprendendo a ser eu. In: ILLERIS, Knud (org.). **Teorias contemporâneas da aprendizagem**. Porto alegre: Penso, 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.
- PINTO, Alvares. **Sete lições sobre a educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 1999.
- ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Aprender tem que ser gostoso**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- SANTOS, Júlio César Furtado dos. **Aprendizagem significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- SCHNEIDER, Rodolfo Herberto. IRIGARY, Tatiana Quarti. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais**, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf> < acesso em 22 de Setembro de 2016.
- SCORALICK-LEMPKE, Natália Nunes. BARBOSA, Altemir José Gonçalves. **Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span**, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29s1/01.pdf> < acesso em 20 de Julho de 2016.
- SCORTEGAGNAGNA, Paola Andressa. OLIVEIRA. Rita de Cássia da Silva. **Idoso: Um novo ator social**, 2012. Disponível em: www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1886/73 <acesso em 20 de Setembro de 2016.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexos com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VIRELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). **Itinerários de pesquisa perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso**Acadêmica responsável:** Denise Gonçalves Mendes**Orientador:** Johannes Doll**Foco de estudo:** Aprendizagem e envelhecimento

O estudo tem por objetivo analisar questões sobre a relação entre a aprendizagem e envelhecimento e os benefícios que isto acarreta a estudantes idosos que freqüentam a EJA. O estudo será feito através de um contexto de vida real.

Após consultar o Termo de Consentimento Informado, eu _____ dou meu consentimento em participar deste estudo, sob a responsabilidade da acadêmica Denise Gonçalves Mendes e sob a orientação de Johannes Doll. Autorizo a utilização das informações extraídas da entrevista, desde que meu nome seja mantido em anonimato.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2016

Assinatura _____

ROTEIRO DE PERGUNTAS

Conta-me como foi seu contato com a escola?

Motivo de voltar a estudar.

Como são suas experiências na escola?

Em relação à sua idade, como se sente?

O que é ser velha em sua concepção?

Conta-me das suas experiências na sua idade?

Como você acha que os outros, a sociedade, percebe você?

O que significa “velhice” para você?

Quais suas aprendizagens mais significativas e que foram marcantes na trajetória de sua vida?

O que mudou a partir das aprendizagens?

Já aprendeu bastante durante sua vida? Sente agora alguma diferença na aprendizagem?

Estar na escola agora, o que traz isso para você?